



GT 57. Migrações e Deslocamentos

Coordenador(es):

Natália Corazza Padovani (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Angela Mercedes Facundo Navia (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Este GT, proposto no âmbito do Comitê Migrações e Deslocamentos da ABA, visa reunir trabalhos que reflitam sobre diferentes “regimes de mobilidades”. Migrações e deslocamentos são objeto de processos de diferenciação vinculados a assimetrias e “localizações sociais”. Categorias como “permanência e mobilidade” são tensionadas nos processos de governamentalidade voltados para quais sujeitos e populações podem/devem permanecer e/ou mover-se. Exílios, expulsões e deslocamentos forçados são contrastados com imaginários sobre turismo e cosmopolitismo. Migrações e deslocamentos, assim, podem ser analisados frente ao modo como “viagens” e “refúgios”, por exemplo, diferenciam pessoas frente a categorizações de raça, gênero, sexualidade, classe, nacionalidade, geração, entre outras, as quais enredam práticas e normativas de segurança e proteção dos territórios e estados nacionais. Nos interessam trabalhos que examinem a produção de mobilidade/imobilidade, circulação/contenção, legalidade/ilegalidade; e/ou processos de subjetivação e a incidência de marcadores sociais na delimitação de fronteiras territoriais e sociais. A intenção é abranger pesquisas realizadas a partir de temas voltados para as várias formas de deslocamentos e “regimes de mobilidades” através de fronteiras, que podem ou não ser transnacionais. Consideramos que o deslocamento entre fronteiras das cidades, bem como urbanas, ou “rurais e urbanas”, podem trazer elementos etnográficos e analíticos ao debate proposto.

Etnografia viajante: Reflexões teóricas e metodológicas sobre as viagens independentes das mulheres pela América do Sul

Autoria: Ester Paixao Correa (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Este work é parte do projeto de tese de doutorado que busca no cruzamento dos deslocamentos ? culturais, espaciais e temporais ? os processos de subjetivação (ORTNER, 2007) das mulheres viajantes independentes diante do mundo globalizado e dos fluxos globais (APPADURAI, 1998). É parte de uma reflexão (auto) etnográfica (STRATHERN, 2014; BOURDIEU, 2005) sobre a experiência da viagem independente das mulheres viajantes latino americanas. Nesse sentido, pretendo abordar a respeito das agências e das diversas estratégias que essas viajantes articulam para construir suas rotas e experiências de viagem, assim como as formas de aprendizados mediados pelas aventuras de uma viagem (sozinha ou acompanhada de outras mulheres). Assim, proponho duas abordagens neste artigo; uma teórica que busca refletir sobre a relação entre viagens, subjetividades e mulheres, tendo como fomento os encontros e diálogos com outras mulheres viajantes independentes e/ou mochileiras. A outra abordagem é etnográfica, para isso, parto da metodologia de pesquisa multissituada (MARCUS, 1995; HANNERZ, 2003), na qual seguindo as rotas das mulheres viajantes, embarquei em um ?mochilão etnográfico? durante três meses por 4 países da América do Sul, entre outubro/2019 e janeiro/2020. Nesse sentido, a reflexão metodológica gira também em torno dos desafios de fazer uma etnografia em trânsito, ou uma etnografia viajante, em um contexto no qual a América do Sul ferve em conflitos sociais. Para este artigo, discutirei sobre algumas categorias de viagens e viajantes (CLIFFORD, 2000), baseando-me nas experiências vividas como pesquisadora, mochileira e mulher viajando sozinha - com baixo custo. Uma pesquisa localizada (ABU-LUGHOD, 2000) que parte dos próprios aprendizados na estrada, dos relatos de viagens, das redes e conexões que se formaram mediadas por esse estilo de vida e dos diálogos com outras sujeitas ?viajeras?. Por meio da qual foi possível apreender sobre hábitos culturais, modos e projetos de vida, perspectivas e visões de mundo, contextos políticos e sociais,



além dos diversos conhecimentos que fazem das viagens um aprendizado para a vida.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: